



# Aprendizagem integradora

A aprendizagem integradora consiste na articulação de conceitos de campos e linhas teóricas distintas, de modo a construir corpo teórico abrangente para nortear intervenções práticas mais eficientes.

*Referencial teórico* é o nome que se dá à teoria com respectivos conceitos, princípios e leis, adotado pelo pesquisador para atribuir significado aos fatos e fenômenos naturais estudados, além de servir como norteador das práticas de pesquisa, como, por exemplo, a formulação de métodos, determinação das variáveis a serem selecionadas e elaboração de instrumentos.

Ao extrapolar o âmbito da pesquisa, o referencial teórico funciona como balizador para cada profissional, nos diferentes ramos de trabalho, ao indicar

modos de analisar situações, aspectos a serem valorizados, procedimentos a serem adotados, bem como a construção de repertório de esquemas de atuação.

Nos diferentes campos do saber, sobretudo nas áreas humanas e sociais, a referência se dá não por uma, mas por várias possibilidades teóricas coexistentes e, na maioria das vezes, concorrentes. Diante da pluralidade teórica, cabe ao profissional escolher a abordagem que servirá de lente e bússola no exercício da profissão.

A força da linha teórica eleita é mensurada ao definir a identidade profissional por meio da adjetivação. Por exemplo, na psicologia há o psicólogo *humanista*, o psicólogo *psicanalista*, o psicólogo *cognitivo*, dentre outros.

Mais do que vantagem, a adoção de certa teoria é uma necessidade. Contudo, há o perigo de a teoria deixar de ser a lente pela qual se amplia a visão da realidade para se tornar o *antolho* limitador da percepção.

Vários são os fatores de risco, dentre eles o da *fobia da incompatibilidade*, apontado pelo historiador José D'Assunção Barros no primeiro volume de *Teoria da história*: “(...) refere-se tanto à irredutível rejeição do gesto de misturar certos autores, tidos por incompatíveis, como à recusa ferrenha de combinar certos conceitos, ou mesmo elementos oriundos de sistemas teóricos distintos.”

Alguns aspectos de uma teoria podem ser incompatíveis com os de outra, mas isso não quer dizer que todos o sejam. A imiscibilidade teórica é um mito, e três aspectos servem de chancela:



1. Incompletude - Nenhuma teoria é completa; por mais enriquecedora que seja, sempre há lacunas ou limites.

2. Similitudes - Ao comparar teorias sobre o mesmo objeto, é possível identificar conceitos ou princípios presentes em duas ou mais, ao modo de *denominadores comuns*. Muitas vezes, tais elementos aparentam ser diferentes devido à diversificação terminológica; contudo, no fundo os significados são os mesmos.

3. Singularidades - Uma teoria, mesmo quando menos abrangente, pode lançar luz sobre aspectos que nenhuma outra considerou, propiciando contribuição singular e pertinente. Nada impede o psicoterapeuta cognitivo de usar certos conceitos e princípios behavioristas, quando adequados.

No contexto da educação, sobretudo na seara acadêmica, infelizmente a imiscibilidade intelectual prevalece. Construtivismo, modelo pelas competências, pedagogia crítica, tecnicista, entre outros, são bandeiras empunhadas na concorrência pelo posto de paradigma “definitivo”. Piaget, Vigotsky, Paulo Freire, Dewey, Marx, só para citar alguns, são elevados à condição de heróis ou vilões, deuses ou demônios nas trincheiras universitárias.

Tal competição atinge o paroxismo na discriminação ideológica, quando docentes e pesquisadores recusam-se a ouvir e ler representantes de outras linhas, ou também quando se negam a falar para plateias de orientação intelectual diferente.

Muitos “muros de Berlim” necessitam ser demolidos nas universidades. A possibilidade do amál-

gama teórico se dá pelo objeto de estudo. Não é ele que deve se ajustar à teoria, e sim o inverso, a teoria se adaptar ao objeto.

Com base no exposto, a concepção de *aprendizagem* passa pela abertura às contribuições oriundas de diferentes modelos educacionais, e também de campos diversos, como a neurociência, genética, fisiologia, nutrição, ergonomia, psicologia, política, filosofia e outros mais.

A articulação dos diversos aportes cognitivos conduz a proposta da *aprendizagem integradora*. Não significa de forma alguma um ecletismo teórico-metodológico superficial e incoerente.

A aprendizagem integradora consiste na articulação pertinente de conceitos e princípios provenientes de modelos e campos teóricos distintos, de maneira a construir



## A articulação dos diversos aportes cognitivos conduz a proposta da *aprendizagem integradora*.

um corpo teórico abrangente, consistente e coerente, capaz de nortear intervenções práticas mais eficientes, eficazes e efetivas na dualidade ensino-aprendizagem.

A seguir, são apresentados seis eixos da aprendizagem, não exaustivos, constituintes da abordagem integradora:

1. Aprendizagem competente - Ato, processo ou efeito da aquisição de competências caracterizadas pela mobilização articulada de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores em situações específicas. Segundo o pesquisador espanhol Antoni Zabala, em *Como aprender e ensinar competências*, o modelo de competência surge para superar o ensino exclusivamente mnemônico de conhecimentos, dissociados da aplicação na vida real.

2. Aprendizagem reflexiva - Ato, processo ou efeito da aquisição de conhecimento ou habilidade prática promovida ou enriquecida pelo pensamento crítico e respectivas habilidades cognitivas. Entre as pesquisas sobre os efeitos da promoção da reflexão crítica na educação, pode-se indicar *O pensamento crítico na educação científica* (1997), em que a pesquisadora portuguesa Celina Tenreiro Vieira constatou ser o pensamento crítico amplificador do índice de aprendizagem.

3. Aprendizagem multimídia - Ato, processo ou efeito da aquisição de conhecimento ou habilidade prática através de diferentes códigos, linguagens e meios (texto, imagem, vídeo, exposição). As estratégias multimídia fundamentam as diversas teorias sobre os estilos de aprendizagem, com destaque para os três caminhos perceptivos: visual, auditivo e cinestésico.

4. Aprendizagem motivacional - Ato, processo ou efeito da aquisição de conhecimento ou habilidade prática desencadeada por estado íntimo de predisposição do próprio aprendiz. Apesar da relação intuitivamente óbvia entre motivação e aprendizagem, não são poucos os estudos sobre o tema. Como diz Gagné, citado por Caturla em *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*, “a motivação é uma pré-condição para a aprendizagem.”

5. Aprendizagem colaborativa - Ato, processo ou efeito da aquisição de conhecimento ou habilidade prática promovida ou enriquecida pela interação e cooperação entre dois ou mais aprendizes. Estudo clássico de Johnson e colaboradores, citado por Marzano, Pickering e Pollock em *O ensino que funciona: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos*

*alunos* (2008), constatou que estratégias cooperativas possibilitam ganho de 28% na aprendizagem, em comparação com tarefas individuais dos alunos.

6. Aprendizagem exercitada - Ato, processo ou efeito da aquisição de conhecimento ou habilidade prática por meio da realização de atividades regulares, exaustivas e significativas. Marzano, Pickering e Pollock demonstram como a prática é fundamental para qualquer modalidade de aprendizagem. Segundo os autores, o domínio de qualquer habilidade requer quantidade razoável de prática no longo prazo.

A elaboração de projetos pedagógicos, planos de ensino-aprendizagem e de aula, materiais didáticos, dentre outros recursos e estratégias, por instituições de ensino nos diferentes níveis da trajetória escolar-acadêmica, ao contemplar esses seis eixos, aumenta, por inferência lógica, os ganhos de aprendizagem. Como foi exposto, tal integração permite contar com contribuições de diferentes orientações teóricas. ■

\*Consultor da Hoper; fundador e diretor da Livre-Pensamento Desenvolvimento Educacional; psicólogo, especialista em Didática e Metodologia do Ensino, professor universitário e conferencista

loche@hoper.com.br